

# ALEITAMENTO MATERNO NA ADOLESCÊNCIA: VIVÊNCIA DAS MÃES E AÇÕES DO PROFISSIONAL ENFERMEIRO

ADRIANA DE JESUS DUTRA<sup>1</sup>

DALIANA LOPES MORAIS<sup>2</sup>

## RESUMO

**Introdução:** O leite materno é primordial para que o lactente obtenha todos os nutrientes e anticorpos necessários para a sua saúde. A orientação da OMS é que o bebê receba exclusivamente leite materno até os seis meses de vida. Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria, (2020), no Brasil o índice de adolescentes grávidas é superior quando comparado ao da América Latina. Tendo em vista as peculiaridades da adolescência e, mais especialmente o entendimento das adolescentes referente a importância do aleitamento materno e ao mesmo tempo as condições socioeconômicas e culturais, têm-se hoje, na adolescência, a possibilidade de ocorrer uma ablactação prematura. **Objetivos:** O Objetivo geral do estudo foi verificar as ações dos enfermeiros em relação a orientação do aleitamento em adolescentes. Os objetivos específicos foram: destacar as ações e desafios do enfermeiro quanto as orientações para as adolescentes e compreender os motivos que levam ao não aleitamento materno na adolescência. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão do tipo Integrativa. A base de dados foi feito através das bases: Scientific Electronic Library Online (Scielo), Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências e saúde (Lillacs), Google Acadêmico. **Resultados e discussão:** Durante a fase da amamentação, os profissionais da enfermagem são de fundamental importância na passagem de informações e ensinamentos coerentes quanto a prática de amamentar, por isso, aqueles que se dedicam para atenção voltada no pré-natal e puerpério precisam se capacitar para propor suporte adequado às mães. **Considerações finais:** O enfermeiro pode se deparar com algumas dificuldades ao trabalhar a amamentação com mães adolescentes, alguns autores citam a baixa produção de leite, negação da maternidade, complicações mamárias (lesões mamilares, mamilos invertidos e planos, mastites e ingurgitamento), resistência materna e familiar.

Palavras-chave: adolescência; amamentação; enfermeiro.

## ABSTRACT

**Introduction:** Breast milk is essential for infants to obtain all the nutrients and antibodies necessary for their health. The WHO guideline is that the baby receives exclusively breast milk until six months of age. According to the Brazilian Society of Pediatrics (2020), the rate of pregnant adolescents in Brazil is higher when compared to Latin America. Given the peculiarities of adolescence and, more especially, the

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Bacharel em Enfermagem da Católica de Vitória Centro Universitário. E-mail: [adri.dutra13@hotmail.com](mailto:adri.dutra13@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora Daliana Lopes Moraes, Mestre em saúde coletiva, Docente em saúde da criança, e-mail: [dlopes@ucv.edu.br](mailto:dlopes@ucv.edu.br)

adolescents' understanding of the importance of breastfeeding and, at the same time, socioeconomic and cultural conditions, today, in adolescence, there is the possibility of premature ab lactation. **Objectives:** The general objective of the study was to verify the experience of adolescent mothers in relation to breastfeeding. The specific objectives were: to highlight the actions and challenges of nurses regarding guidelines for adolescents and understand the reasons that lead to non-breastfeeding in adolescence. **Methodology:** This is an integrative review. The database was made using the following databases: Scientific Electronic Library Online (Scielo), Latin American and Caribbean Literature in Science and Health (Lillacs), Academic Google. **Results and discussion:** During the breastfeeding phase, nursing professionals are of fundamental importance in passing on coherent information and teachings about the practice of breastfeeding, therefore, those dedicated to prenatal and postpartum care need to be trained to provide adequate support to mothers. **Final considerations:** Nurses may face some difficulties when working with breastfeeding with teenage mothers, some authors cite low milk production, denial of motherhood, breast complications (nipple lesions, inverted and flat nipples, mastitis and engorgement), maternal resistance and familiar.

Keywords: adolescence; breast-feeding; nurse.

## 1. INTRODUÇÃO

Segundo o Ministério da Saúde uma grande parte das crianças brasileiras permanecem sendo amamentadas em seus primeiros meses de vida, além disso, verifica-se que mais de 45% das menores de seis meses usufruem de leite materno exclusivo. Pesquisas revelam um grande avanço em relação ao aleitamento materno (ALM), de acordo com Estudo Nacional e Nutrição Infantil realizada pelo Ministério da Saúde. (UNASUS, 2020).

O leite materno é primordial para que o lactente obtenha todos os nutrientes e anticorpos necessários para a sua saúde. A orientação da OMS é que o bebê receba exclusivamente leite materno (AME) até os seis meses de vida, e após este período é aconselhado introdução de alimentação complementar e oferecer, mas mantenha o aleitamento de forma complementada até os 2 anos de idade (WHO, 2017).

Ainda sobre as vantagens do leite materno, a principal forma de garantir inúmeros benefícios ao bebê nos primeiros meses de vida é o AME, pois esse proporciona a redução da mortalidade neonatal, o número de hospitalizações, os episódios de diarreia e o risco de desnutrição (UNICEF; WHO, 2017). Através do leite materno mais de 13% das mortes por causas preveníveis de crianças menores de 5 anos poderiam ser evitadas no mundo (BRASIL, 2015).

Conforme a Organização Mundial da Saúde preconiza a adolescência como uma fase que compreende idade entre 10 e 19 anos. Fase está em que ocorrem muitas modificações, impasses, alterações do corpo, alterações ao meio social. E em meio a tantas mudanças, novos comportamentos surgem, os quais têm como motivação a transição do seu corpo e idade. (SANTOS; FERRARI; TONETE, 2009).

Todas estas modificações repentinas vêm acompanhadas de seriedade, obrigações, vontade de vivenciar, experimentar coisas novas em especial as sexuais, em que podem vir acompanhadas sempre de ocorrências de muitos casos de doenças sexualmente transmissíveis ou uma gestação precoce (TAKEMOTO et al., 2011).

Se esta gravidez vier a acontecer na adolescência a frente pode-se gerar, além do problema social, um problema de saúde pública, o que conseqüentemente pode vir a acarretar um perigo a adolescente, por causa de sua evolução física e psicológica juntamente com as dificuldades gestacionais, pós-parto bem como do seu filho (TAKEMOTO et al., 2011).

Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2020) no Brasil o índice de adolescente grávida é superior quando associada à da América Latina, representando 400 mil casos por ano onde a maioria dos casos ocorreu em adolescente com idade de 10 a 14 anos. Pesquisa revela que em 2015, 18% da somatória dos brasileiros descenderam de mães adolescentes, onde a maior parte vivia na região Nordeste, sucedendo do Sudeste, Norte, região Sul e Centro Oeste.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde o aleitamento materno exclusivo é orientado que seja ofertado por 6 meses e sua continuidade adicionado alimentos suplementares, até os 2 anos de vida ou mais. Tendo em vista as peculiaridades da adolescência e, mais especialmente o entendimento das adolescentes referente a importância do aleitamento materno e ao mesmo tempo as condições socioeconômicas e culturais têm hoje na adolescência a possibilidade de ocorrer uma ablação prematura (SANTOS; FERRARI; TONETE, 2009).

Diante disto faz se a pergunta norteadora: As adolescentes estão recebendo orientações adequadas, pelo enfermeiro, sobre o aleitamento materno?

Essa pesquisa faz-se importante pois, além de colaborar para trazer conhecimentos sobre aleitamento materno, poderá contribuir para trazer orientações ao profissional da enfermagem para que possam conscientizar as adolescentes sobre os benefícios da amamentação, além de incentivar e intervir no desmame precoce na

adolescência. Este estudo teve como objetivo geral: verificar as ações dos enfermeiros em relação a orientação do aleitamento em adolescentes. E os objetivos específicos: destacar as ações e desafios do enfermeiro quanto as orientações para as adolescentes e compreender os motivos que levam ao não aleitamento materno na adolescência.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 ALEITAMENTO MATERNO E SAÚDE PÚBLICA**

Sabe-se que o aleitamento materno exclusivo quando fornecido sem qualquer outro componente leva a uma menor probabilidade de morbidade e mortalidade infantil. Estudos realizados em vários países proporcionaram atualidades para uma nova reestruturação de políticas internacionais, em particular da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Com este novo critério de amamentação a orientação passou a ser de que, as crianças fossem amamentadas exclusivamente com leite materno até os seis meses de vida, é após este período, aos poucos adicionar uma alimentação eficaz e nutricionalmente eficiente, simultaneamente com a amamentação, até seus dois anos de idade (TOMA; REA, 2008; OLÍMPIO; KOCHINSKI; RAVAZZANI, 2010).

A amamentação vai muito mais além de nutrir uma criança, considera-se como um método que envolve total contato profundo entre mãe e filho. E que é na infância que se desenvolve a maior parte das capacidades humanas. Os problemas oriundos nesta fase podem trazer grandes consequências no futuro (BRASIL, 2015).

O aleitamento materno é a forma mais eficiente de prevenir a morbimortalidade infantil como já mencionado acima, além de ser uma estratégia natural e eficiente de vínculo, afeto, proteção e nutrição para a criança, e se constitui na mais sensível, econômica e eficaz mediação para tal. Está prática do aleitamento materno ainda permite um magnífico impacto na promoção da saúde integral da mãe e do bebê e alacridade de toda a sociedade (BRASIL, 2015).

Os achados nas últimas pesquisas realizadas têm contribuído para que a população tenha mais consciência dos benefícios do aleitamento materno para binômio mãe e filho. O realce destes achados fez com que ocorressem mudanças fundamentais nas recomendações para políticas públicas. Estudos vêm sendo feito

com propósito de determinar ações que seriam mais humanas para o aumento na prática da amamentação (TOMA; REA, 2008).

Tendo em vista as vantagens do aleitamento materno divulgadas constantemente e os inúmeros programas criados pelo Ministério da Saúde que incentivam a prática da amamentação, as porcentagens ainda estão bem abaixo do aconselhado pela OMS. Elevar o índice de amamentação exclusiva e o tempo satisfatório de aleitamento é um grande problema no mundo, em particular no Brasil (ROCCI; FERNANDES, 2014).

Existem suposições vigentes quanto a muitos modelos de ação, e seus resultados para a saúde da criança apresentaram que o incentivo ao aleitamento materno exclusivo é a ação mais remota em saúde pública com o maior potencial para a diminuição da mortalidade na infância (TOMA; REA, 2008).

## **2.2 BENEFÍCIOS DO ALEITAMENTO MATERNO PARA A CRIANÇA**

O Aleitamento materno é a base da vida, e traz uma grande importância da amamentação, pois é a base para a saúde do indivíduo. É necessária a introdução do leite materno desde o início da vida da criança, uma vez que, é a única fonte de alimento capaz de fornecer todo aporte para a saúde física e mental em longo prazo, contribuindo para uma formação essencial consolidada (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2018).

Nós dias atuais precisa-se continuar pondo em evidência a seriedade de se introduzir prematuramente a amamentação do bebê nas primeiras horas de vida. Sabe-se que amamentação prematura leva a uma relevante diminuição da letalidade neonatal. Os fatores que levam a esta letalidade conseguiriam ser reduzido em 16,3% se todas as crianças comessem a amamentação primordialmente no 1º dia de vida, e em 22,3% se a amamentação se dá na primeira hora de vida (TOMA; REA, 2008).

Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria o leite humano não pode ser considerado como apenas um alimento comum. O leite materno é composto de diversos nutrientes em que neles estão presentes vários componentes de proteção e nutrição, e também fornece hormônios e micróbios proveitosos ao intestino infantil. Como já comprovado em muitos estudos o leite materno é de grande valia para o crescimento da criança, uma vez que, garante toda a carência nutricional até os seis

meses de vida, e como consequência protegendo a criança de desnutrição entre outros (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2020).

Já é sabido as inúmeras vantagens que o leite materno exerce em relação ao uso precoce dos outros tipos de leite industrializados existente. A amamentação em si é um ato que se desenvolve com mais praticidade, é mais barato quando se fala em custos, e inibe o perigo de haver uma contaminação no momento do preparo dos outros leites (BRASIL 2015; SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2020).

Inúmeros argumentos em prol do leite materno dentre eles podemos citar que o leite materno pode evitar: mortes infantis, devido aos benefícios dos mais variados agentes presentes no leite materno, diminuem a ocorrência de diarreia, infecções respiratórias, e ainda os riscos de alergia, diminui os riscos de hipertensão, colesterol alto e diabetes, e reduz a chance de obesidade, contribui para uma melhor nutrição, efeito positivo na inteligência e melhor desenvolvimento da cavidade bucal. Não podendo deixar de citar que a prática do aleitamento materno faz com que se crie uma união entre mãe e filho, possibilitando maior vínculo entre eles (BRASIL 2015; SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2020).

Segundo Jalmeida e Novak (apud Duarte, Diego Andreazzi, 2019, p 3) “quando se é estabelecido o laço entre mãe e filho, há recompensa da lacuna resultante do apartamento súbito e rude que ocorre no pós-parto, consertando fantasias precipitadas que o parto possa lhe ter provocado como rejeição, ofensa, reprovação e fome”.

### **2.3 BENEFÍCIOS DO ALEITAMENTO MATERNO PARA MÃE**

De acordo com Gallo e colaboradores 2008 (apud Martins Maria Zilda, 2013, p.2) quando a mulher-mãe decide fornecer ao seu filho o leite materno exclusivo, ela está fornecendo o melhor nutriente que existe, uma vez que conseqüentemente está promovendo saúde e ampliando seu vínculo afetivo, vínculo que se origina na fecundação, no decorrer da gestação e se desenvolve com a amamentação.

Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2020) existem muitos benefícios em relação à amamentação quanto à saúde das mulheres. Estes benefícios provêm da amamentação no momento em que estão amamentando, em que ocorrem mudanças no corpo da mulher que as faz ter certa vantagem no futuro.

Conforme Antunes e colaboradores 2008 (apud Duarte Diego Andreazzi, 2019, p3) 96% das mulheres começam a amamentação, mas somente 11% amamentam unicamente até 4 a 6 meses, 41% prosseguem com o aleitamento materno até 1 ano, e 14% até os 2 anos, valores bem abaixo do recomendado pela Organização Mundial da Saúde.

O ato de poder amamentar o bebê ativa o instinto materno o que pode vir a superar alguns traumas ocorridos no momento do seu parto como, por exemplo, uma separação abrupta do seu bebê. Tem sido descrito por algumas mães que após amamentação foi observado por elas uma maior diminuição no estresse e do mau humor, o que podemos advir de ser pelo fato da ocorrência da liberação do hormônio da ocitocina no momento da amamentação. Tem-se como início da liberação deste hormônio desde a hora do parto em que o mesmo vem a ajudar a contração uterina, mantendo sua frequência com potencialização no ato da amamentação onde seda pelo estímulo que a sucção causa sobre a hipófise (ANTUNES et al., 2008).

Ainda sobre o hormônio da ocitocina também tem grande contribuição em relação ao retorno do peso da mulher pós-gestação e também contribui a um menor sangramento uterino pós-parto em consequência menos anemia, dado pelo ato da sucção precoce do bebê (TOMA; REA, 2008).

Pesquisas relatam que o risco das mulheres que amamentam de contrair o câncer de mama é de 22% inferior quando comparado as das mulheres que não amamentaram. Entretanto está salvaguarda pode vir ampliar com o passar do tempo de amamentação, tornando-se de 7% se, acrescentando um maior período de amamentação de todos os filhos, sendo abaixo de 6 meses; de 9% se o período for entre 6 e 12 meses; e de 26% se alcançar um ano. Mesmo que a mulher venha a contrair o câncer e vier a ser exposta a uma cirurgia e está estiver amamentado pôr um período maior que 6 meses ela terá um risco cerca de 3 vezes irrelevante de morrer por alguma neoplasia, se for comparada com as outras mulheres que amamentaram um período menor que seis meses. Assim sendo, mulheres que amamentam tem uma chance mais elevada na prevenção do câncer de mama e consequentemente caso seja acometida por alguma neoplasia a probabilidade de vencer o câncer e maior (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2020).

Toma e Rea (2008) tem demonstrado o efeito da amamentação em doenças como a artrite reumatóide, da mesma forma tanto quanto sua eficácia contra certas fraturas ósseas, em especial as coxofemorais, pois a pesquisa tem mostrado que mulheres que amamentam manifestam menos osteoporose e menos fraturas.

São numerosos os benefícios que a amamentação pode vir a proporcionar para a mulher, dentre eles podemos citar: menor risco de desenvolver diabetes tipo 2, câncer de ovário e de endometriose, redução do retorno da enxaqueca após o parto e o espaçamento da gestacional para aquelas que amamentam exclusivamente, e que não retornaram a seu fluxo normal com filho menor de seis meses (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA 2020).

## **2.4 ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO E COMPLEMENTAR**

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Fundo das Nações Unidas para Infância (UNICEF) e o Ministério da Saúde recomenda o aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida, e após, que seja introduzido alimentos complementares a estas crianças, porém que permaneçam com o leite materno até os seus dois anos de idade (SILVA, Amauri Pinto da; SOUZA, 2005).

Vem existindo uma grande dificuldade nas pesquisas quanto o aleitamento materno, inúmeros critérios e idéias, são empregados impedindo a conferência dos desfechos alcançados. Foi utilizado as idades de corte de 30,120 e 180 dias, para iguala os levantamentos de aleitamento materno exclusivo no Brasil. Conforme a bibliografia brasileira e empregado a descrição aleitamento materno exclusivo (AME) priorizada pela Organização Mundial da Saúde, onde se dá quando, a criança obtém apenas leite materno, diretamente do seio ou mungido, ou leite humano de diferente nascente, menos outro licor ou concentrado, ressalva de partículas ou xaropada compondose de vitaminas, sais de reidratação oral, complementos anorgânicos ou fármaco (DE GUSMÃO et al., 2013).

A cessação do aleitamento materno nos meses iniciais de vida, está agregada à decadência do faturamento familiar, pequena idade materna, primiparidade e regresso da genetriz ao ofício. Já em outros estudos vem mostrando como causas protetoras do aleitamento materno, entre outros, melhor escolaridade materna, mãe

que reside com companheiro, vivência antecedente com a amamentação e mulheres que residam em sua respectiva casa (DE GUSMÃO et al., 2013).

Conforme pesquisa realizada há cerca de 1,5 milhões de crianças até este momento padecem a cada vez mais, pois não são bem alimentadas. E menos de 35% das crianças do universo são puramente nutridas ao seio nos seus inicialmente quatro meses de vidas onde as técnicas de alimentação para integralizar estão sendo regulamente inadequadas e melindrosas (SILVA, Amauri Pinto da; SOUZA, 2005).

Sabe-se que a amamentação é favorável tanto para as crianças quanto para as mulheres e ações para a evolução de seus exemplos encontra-se aquelas com melhor potencialidade de atenuação da mortalidade infantil. Análise e pesquisas atuais comprovam a função protetora da amamentação no combate de doenças infecciosas e crônicas. Com o avanço da prevalência e da extensão do aleitamento materno constatado a contar da década de 1970 no Brasil colaborou com força considerável em prol de beneficiamento de medidas da saúde da criança, com finalidade de atenuação de internações hospitalares por desarranjo intestinal e de infecções respiratórias em crianças menores de um ano (ESTUDO NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO INFANTIL 2020).

Conforme a II Pesquisa de Prevalência de Aleitamento Materno nas Capitais Brasileiras e Distrito Federal realizado pelo ENANI foi analisada a evolução dos indicadores do aleitamento materno no período de 1999 a 2008, onde foi constatado que as genitoras estão amamentando as crianças num intervalo de tempo maior e com mais propriedade. Nesta pesquisa foi constatado acréscimo de doze vezes de preponderância de amamentação exclusiva nas crianças menores de 4 meses, em comparação ao ano de 1986, seguindo de 4,7% para 60%. Reciprocamente com os pós-terços de seis meses, ampliou 42,8 de taxas, pulando de 2,9% para 45,7%, nesses trinta e quatro anos, o que condiz acréscimo de 1,2% ao ano (BRASIL 2009).

Esta mesma pesquisa mostrou que a licença maternidade tem um papel importante no aumento do aleitamento exclusivo de crianças de até 4 meses de idade onde obtivesse acréscimo de 60%, momento este que a mãe estava de licença, em contra partida as crianças com até seis meses teve queda de prevalência de 45%, idade esta preconizada pela Organização Mundial de Saúde para aleitamento materno exclusivo (ESTUDO NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO INFANTIL 2020).

Não há o que se questionar quanto os avanços do aleitamento materno no Brasil, independente da sua diversidade e de sua realidade nas inúmeras partes do país. Todavia ainda que apresente melhorias em relação à prática da amamentação ainda assim se faz imprescindível que o Brasil apresente maior interesses com maior intensidade para que venhamos apresentar um bom indicador de aleitamento materno conforme orienta a Organização Mundial da Saúde (DE GUSMÃO et al., 2013; BIZERRA et al., 2015).

## **2.5 MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA E A PRÁTICA DO ALEITAMENTO MATERNO**

A Organização Mundial da Saúde (OMS) relata que, a adolescência estabeleceria um método essencialmente biológico, entretanto apresaria a evolução mental e a formação da originalidade. Englobaria as faixas etárias de 10 a 19 anos, fragmentada nas fases de pré-adolescência (dos 10 aos 14 anos) e de adolescência precisamente referida (de 15 a 19 anos). Porém no panorama jurídico no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), determina adolescência ao meio termo de 12 e 18 anos inconclusivos. (SILVA, Carla Regina; LOPES, 2009)

Eisntein (2015) relata que, a adolescência e a idade de mudanças entre a meninice e a vivência amadurecida, definida por evolução corpórea, psíquico, emotivo, carnal e sociável e através dos empenhos do ser humano em encontrar os propósitos referentes às perspectivas educacionais em que sobrevive. Fala se que a juventude começa com as transformações carnis da mocidade e quando o sujeito corrobora seu desenvolvimento e sua individualidade, buscando gradativamente sua liberdade moderada, para além da incorporação no seu respectivo bando sociável.

Conforme Nasio e Calligaris (2011 apud Ludmilla Oliveira Lima Cerqueira e Carolina Valério Barros, 2020, p.89) definem que esta idade de mudanças é deliberada por neuroses, referindo-se que uma delas, neurose do desenvolvimento, onde se diz ser a experiência por meio de dor da meninice privada, narra que dentro da comunidade torna-se adolescente e iniciar uma etapa na qual anteriormente gozou de intervalo a fim de adquirir princípios educacionais, aptidão com finalidade de multiplica-se, potência com finalidade de responsabilizar-se de serviços e ocupação competindo proporcionalmente com todos, contudo, a sociedade lhe cobra uma

moratória, visto que independentemente da maturidade de sua estrutura física, em você careceria de maturidade com objetivo de cumprir esses encargos.

Pode-se dizer que bem como a mocidade, a gravidez é uma fase de instabilidade psicológica, momento de diversos confrontos, momento de incertezas e discernimentos. Segundo informações do Departamento de Informática do SUS (DATASUS), no Brasil, aproximadamente 20% das concepções feitas em 2014 corresponderam de genitoras adolescentes. (ARRUDA et al., 2018; CERQUEIRA; BARROS, 2020)

Fala-se que a gravidez na adolescência é de caráter específico, encarada como problema, uma vez que a gestação nessas circunstâncias expressa uma ligeira passagem do estado de filha para mãe, onde ao invés de pedir colo terá que dar colo. Com a mudança súbita da mudança de função onde ela passa de mulher, até ao presente em desenvolvimento, para o de mulher-mãe, onde esta mesma adolescente faz uma circunstância desordeira e, em diversas condições árduas. Vista que a maior parte delas é incapaz mecanicamente, psicologicamente, socialmente e economicamente para desempenhar este dever que é a maternidade em si (SPINDOLA et al., 2014).

A gravidez na adolescência é apontada como contexto o qual é capaz de ocasionar agravamento à saúde, tanto quanto do bebê, quanto da sua genitora, uma vez que estas não são aptas ao planejamento do pré-natal e apresentam barreiras em relação aos ensinamentos e ao zelo individual e do bebê, onde pode vir a aumentar a fragilidade a qual inclui esta turma. Com a maternidade vêm junto novas responsabilidades dentre elas existe a dificuldade do aleitamento materno (MAZZA et al., 2015).

Como já mencionado quanto aos benefícios do aleitamento materno, é sabido que, ele produz inúmeras vantagens ao binômio mãe-bebê. Em especial a criança, uma vez que o leite materno pode fornecer proteção contra várias infecções e doenças, bem como, restringe a chance de um maior ganho de peso, proporciona a evolução e amadurecimento infantil. Já como benefícios para a mãe, podemos mencionar a proteção quanto ao câncer de mama, impede uma segunda gestação nos 6 primeiros meses logo após o parto além de proporcionar um maior elo entre mãe-filho. Entretanto ainda é observado diversos motivos que obscurecem e impossibilitam

o aleitamento materno atualmente sobretudo em mães adolescentes (BRASIL 2009; MARANHÃO et al., 2015).

De acordo com Souza e colaboradores (2012) e Maranhão e colaboradores (2015 apud de Arruda, Guilherme Tavares, et al. 2018, p.23) vários motivos que tem como obstáculos no aleitamento materno à idade materna, onde pode ser citado o grau de conhecimento das adolescentes juntamente com seu cenário socioeconômico. Vale ressaltar que além destes a carência de suporte emotivo, a infantilidade, os afazeres escolares e a anatomia das mamas, onde podem vir a prejudicar a saúde da mãe quanto da criança.

O ato de amamentar é uma técnica difícil, entretanto apresenta-se além de vantagens, proveito nutritivo e das condições fisiológicas da amamentação. Pesquisas têm revelado que a opção pelo ato de amamentar talvez seja decidida por meio de questões financeiras, sociáveis, instrutivas e afetivas, hoje em dia a importância das intervenções padronizadoras da amamentação institui ao menos que a mediação da circunstância sociável em que esta nutriz está introduzida. Tal cenário corrobora interesse do ambiente coletivo da nutriz em seu respectivo modo de amamentação, posicionando-a do modo que a realidade sociável esteja acoplada a causas relevantes, adequadas da categoria materna, mas, além do mais é a esperteza da mulher respectiva a si própria e ao espaço, que conchegam sua afinidade com seu bebê (MAZZA et al., 2015).

### **3. METODOLOGIA DA PESQUISA**

Trata-se de uma revisão do tipo Integrativa, que se conceitua em uma pesquisa que promove encontros entre estudos. Realizada de agosto a novembro de 2021 sobre a temática: Vivência das mães adolescentes em relação ao aleitamento materno e ações do enfermeiro sobre aleitamento materno para o público adolescente.

O levantamento de dados foi feito através das bases: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências e saúde (Lillacs), Google Acadêmico. No levantamento dos artigos foram utilizados os Descritores de Ciências da Saúde: Adolescente; Enfermagem; Amamentação.

Os critérios de inclusão: artigos com resumos e textos completos disponíveis para análise, artigos de 2010 a 2021, estudos nacionais, que contemplam a temática

e período a ser pesquisado. Os critérios de exclusão: publicações que não estejam no formato de artigo científico, como livros, teses, dissertações, resenhas, cartas e editoriais, e estudo que não compreende o período delimitado e a temática escolhida.

#### 4. RESULTADOS

Na busca inicial com os descritores, foram encontrados 1.784 artigos e, destes, porém apenas 30 atendiam aos critérios de inclusão e respondiam à pergunta norteadora. Na tabela 01 apresenta a distribuição dos artigos localizados de acordo com as bases de dados utilizadas.

Observou-se também que a maioria dos estudos, 30% foram localizados no SCIELO (n=9) e seguindo 26,6%(n=8), enquanto as outras bases somaram juntas 43,33% (Tabela 01).

**Tabela 01 – Distribuição dos estudos identificados nas bases de dados sobre o tema de estudo no período 2010 -2021.**

(Continua)

<b>BASES DE DADOS</b>	<b>ESTRATEGIA DE BUSCA</b>	<b>NÚMERO</b>	<b>INCLUÍDOS</b>	<b>EXCLUÍDOS</b>
<b>SCIELO</b>	Adolescente AND aleitamento materno/Assistência de enfermagem OR aleitamento materno	<b>160</b>	<b>9</b>	<b>151</b>
<b>BIBLIOTECA VIRTUAL DE SAÚDE (BVS)</b>	Adolescente AND aleitamento materno/Assistência de enfermagem OR aleitamento materno	<b>114</b>	<b>7</b>	<b>107</b>

**Tabela 01 – Distribuição dos estudos identificados nas bases de dados sobre o tema de estudo no período 2010 -2021.**

**(Continuação)**

<b>LILACS</b>	Adolescente AND aleitamento materno/Assistência de enfermagem OR aleitamento materno	<b>325</b>	<b>8</b>	<b>317</b>
<b>GOOGLE ACADÊMICO</b>	Adolescente AND aleitamento materno/Assistência de enfermagem OR aleitamento materno	<b>1.185</b>	<b>6</b>	<b>1.179</b>
<b>TOTAL</b>		<b>1.784</b>	<b>30</b>	<b>1.754</b>

**Fonte: Elaboração própria, 2021.**

A maioria dos estudos incluídos nesta pesquisa foi proveniente da base de dados do Scielo. Onde se denomina como SciELO – ScientificElectronic Library Online — <http://www.scielo.br> — ou seja é uma biblioteca on-line de publicações rigorosas brasileiras com técnica digital. Ela cria e divulga conteúdos íntegros de publicações na Web, bem como fornece e propaga informativos do seu uso e resultado.

Nesta amostra os anos 2016 e 2021 foram os anos com mais publicações encontradas 50% e 20%, respectivamente conforme mostra na tabela 02. Os outros estudos restantes somados foram encontrados 30%. Não foram encontrados estudos relacionados ao tema nos anos de 2010, 2012, 2013, 2014, 2015, 2017, e 2020 (Tabela 02).

**Tabela 02 – Distribuição dos estudos identificados nas bases de dados segundo ano, no período 2010-2021.**

<b>ANO</b>	<b>NÚMERO DE ESTUDOS</b>	<b>PORCENTAGEM (%)</b>
2010		
2011	1	10%
2012		
2013		
2014		
2015		
2016	5	50%
2017		
2018	1	10%
2019	1	10%
2020		
2021	2	20%
TOTAL	10	100

**Fonte: Elaboração própria, 2021**

Foi observado na tabela 02 que a maioria das publicações ocorreu nos anos 2016 e 2021, onde foi realizado um recorte de 2010 a 2021, e foi constatado muito poucas publicações recentes sobre o assunto abordado. Observa-se dentro desta temática a necessidade que seja realizado mais estudos com o tema abordado.

Posteriormente foi realizada a identificação do desenho de estudo utilizado nos artigos, e verifica-se que 50% são estudos de corte transversal bem como os outros 50% exploratório. A distribuição dos estudos selecionados segundo desenho está apresentado na Tabela 03.

**Tabela 03 – Distribuição dos estudos identificados nas bases de dados segundo as características metodológicas, no período 2020-2021.**

TIPO DE ESTUDO	NÚMERO DE ESTUDOS	PORCENTAGEM (%)	NÍVEL DE EVIDÊNCIA*
Transversal	4	50%	5
Revisão bibliográfica			
Exploratório	4	50%	5
TOTAL	8	100	

**Fonte: Elaboração própria, 2021.**

Obteve-se um resultado igual para os estudos transversal e exploratório. O estudo transversal traz em seu conteúdo explicação com propriedade de um determinado povo para reconhecimento deste mesmo povo que possa vir a estar em perigo para intervenção e programação em saúde, vale ressaltar os benefícios bem como os malefícios que este tipo de estudo tem, onde podemos citar como alguns benefícios o fato de ser um estudo econômico, de simplicidade para executar e contar com transparência dos fatos coletados, já seus malefícios têm como exemplo contratempos em apurar situações em decadência de predomínio. Por sua vez o estudo exploratório se dá quando um determinado assunto foi escassamente investigado onde procura dar mais clareza ao determinado assunto, levando em consideração como benefício que às vezes o investigador possui de patrocínios e mecanismos que permitem acontecer investigação através de vários meios, de modo a valer-se de triangulações para atestar e sondar suas especulações. Contudo a veracidade, especialmente no Brasil não dispõe destes artifícios monetários e transitórios fundamentais para a utilização de várias estratégias, muito menos com a intenção de uma amostragem para submeter a uma técnica de buscar por muitas ocasiões e perante inúmeras visões.

**Quadro 01 – Vivências das mães adolescentes em relação ao aleitamento materno e ações do enfermeiro 2010-2021.**

(Continua)

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTORES(ano)</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>RESULTADOS PRINCIPAIS</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>
Perfil de mães adolescentes no ambulatório de aleitamento materno de um hospital-escola do noroeste paulista.	Faria, Stellutti, Gonzalez, Denise et al. (2021)	Identificar a adesão ao aleitamento materno de mães adolescentes no ambulatório de aleitamento materno do HECC; e identificar se a adolescente recebeu orientações sobre aleitamento materno durante o pré-natal.	Contudo, o AME, no estudo, estava presente em 13 (69%) das mães participantes e 6 (31%) dos recém-nascidos estavam em aleitamento materno complementado.	Evidências científicas comprovam que a melhor maneira de ajudar as mães adolescentes a estabelecer e manter o aleitamento é o aconselhamento, apoio pessoal e contínuo por profissionais de saúde com conhecimentos adequados sobre amamentação.
O processo da amamentação na adolescência: vivências memoradas por mulheres	Cremonese, Luiza et al.(2016)	Conhecer a vivência da amamentação na adolescência junto a um grupo de mulheres.	As mães reconhecem que o aleitamento materno previne doenças, evita alergia e complicações. As mulheres ficaram satisfeitas ao oportunizarem seu leite materno ao filho, que sentiam	As participantes deste estudo foram impulsionadas a iniciar a amamentação pela compreensão dos benefícios para a saúde do bebê. No entanto, acredita-se ser de grande importância também que

**Quadro 01 – Vivências das mães adolescentes em relação ao aleitamento materno e ações do enfermeiro 2010-2021**

**(Continuação)**

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTORES (ano)</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>RESULTADOS PRINCIPAIS</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>
			a amamentação como um momento dela e do bebê, descrevendo esta prática como um espaço de troca de carinho.	elas estejam cientes dos benefícios do aleitamento materno para a sua saúde, pois isso pode auxiliá-las a tomar consciência de seu corpo e suas possibilidades, atuando como um estímulo a persistir com a amamentação.
Vivência da amamentação por mães adolescentes: experiências positivas, ambivalências e dificuldades.	Sehnm, Graciela Dutra et al. (2016)	Compreender a vivência da amamentação em mães adolescentes.	Para algumas mães adolescentes a amamentação era vivida como uma experiência única e positiva, pois de acordo com elas esse momento possibilita uma aproximação maior com o filho e transmite amor e carinho. Entretanto, algumas adolescentes também	Constatou que mães adolescentes podem amamentar de forma satisfatória e eficaz, sendo uma experiência vivida de forma única e positiva e que possibilita uma aproximação maior com o filho, transmitindo amor e carinho. No entanto, além das boas experiências, relatou-se que o evento de amamentar se reveste de uma ambiguidade de

**Quadro 01 – Vivências das mães adolescentes em relação ao aleitamento materno e ações do enfermeiro 2010-2021**

(Continuação)

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTORES (ano)</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>RESULTADOS PRINCIPAIS</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>
			retratam dificuldades para estabelecer a amamentação, principalmente no início desse processo. Relataram dificuldade na pega mamária e traumas mamilares.	sentimentos, que ora potencializa o desejo, ora reflete o sofrimento.
Aleitamento materno: fatores que influenciam o desmame precoce entre mães adolescentes.	Souza, Silvana Andrade et al.(2016)	Identificar os fatores que influenciam o desmame precoce em mães adolescentes.	Evidenciou-se como fatores preditivos: influência de outras pessoas, introdução de outros alimentos, crença no mito do leite fraco/insuficiente, fato da mãe ser estudante, rejeição do bebê ao peito da mãe e problemas mamários.	Verifica-se que diversos são os fatores que podem influenciar o desmame precoce entre as mães adolescentes. Esses fatores referidos como impeditivos da amamentação poderiam ser evitados por meio de medidas de educação em saúde.
Preparo e apoio à mãe adolescente para a prática de amamentação.	TAKEMOTO, Angélica Yukari et al.(2011)	Investigar como mães adolescentes foram preparadas para a prática do aleitamento	O aleitamento materno exclusivo (AME) não foi frequente entre as adolescentes estudadas, visto que oito delas não chegou	A mãe adolescente necessita de orientações, apoio e incentivo para a prática do AME nos primeiros seis meses de vida da criança, uma vez que

**Quadro 01 – Vivências das mães adolescentes em relação ao aleitamento materno e ações do enfermeiro 2010-2021**

(Continuação)

TÍTULO	AUTORES (ano)	OBJETIVO	RESULTADOS PRINCIPAIS	CONSIDERAÇÕES FINAIS
		materno e conhecer as dificuldades que elas enfrentam e o apoio recebido neste processo.	sequer a aderir a esta prática, e as que realizaram o aleitamento materno o fizeram associado a outros alimentos, mesmo conscientes que este tipo de atitude não era a indicada, e isto se traz devido a: falta de informações sobre aleitamento materno durante o pré-natal; ausência de incentivo e apoio familiar para o aleitamento materno exclusivo; descrença nas propriedades do leite materno.	são evidentes as dificuldades em mantê-lo. Esse cuidado deve ser iniciado no pré-natal e atingir não apenas a adolescente, mas também o grupo familiar, pois este exerce influência considerável na amamentação, tanto positiva como negativamente.
Percepções de mães adolescentes sobre aleitamento materno.	Lima da Costa, Ruth Silva et al. (2021)	Evidenciar as percepções de mães adolescentes frente à prática do aleitamento materno.	Observou-se que o conhecimento das adolescentes sobre a amamentação estava relacionado à sua importância na oferta	Foi possível observar que a maioria delas apresentou conhecimento sobre a importância da amamentação,

**Quadro 01 – Vivências das mães adolescentes em relação ao aleitamento materno e ações do enfermeiro 2010-2021**

**(Continuação)**

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTORES (ano)</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>RESULTADOS PRINCIPAIS</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>
			de nutrientes para as necessidades do bebê e seu crescimento e desenvolvimento saudável, além da importância na formação de vínculo entre mãe e filho.	embora muitas não tenham realizado o acompanhamento pré-natal adequadamente. Algumas informaram que receberam orientação sobre o ato de amamentar pelo profissional de saúde; no entanto, a maioria apresentou dificuldades com a amamentação, o que resultou no desmame precoce.
Orientações sobre amamentação na atenção básica de saúde e associação com o aleitamento materno exclusivo.	Alves, Jessica de Souza et al.(2018)	Analisar a associação entre o recebimento de orientações sobre amamentação na atenção básica à saúde e o AME.	As orientações sobre aleitamento materno em grupos educativos e durante visitas domiciliares no pré-natal foram pouco frequentes e não se associaram ao aleitamento materno exclusivo, possivelmente porque estes espaços não são aproveitados seu potencial.	Conclui-se que a orientação sobre a importância do aleitamento materno exclusivo por seis meses se associou a uma maior prevalência desta prática. Entretanto, orientações sobre o manejo da amamentação não mostraram influência sobre o aleitamento materno exclusivo no contexto estudado.

**Quadro 01 – Vivências das mães adolescentes em relação ao aleitamento materno e ações do enfermeiro 2010-2021**

**(Continuação)**

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTORES (ano)</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>RESULTADOS PRINCIPAIS</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>
Prática de enfermagem na promoção do aleitamento materno de adolescentes brasileiras.	Leal, Caroline Cândido Garcia et al. (2016)	Identificar a práticas das enfermeiras que atuam na rede municipal de saúde do município de Ribeirão Preto, SP, sobre a promoção do aleitamento materno de adolescentes no ciclo gravídico-puerperal.	O trabalho de promoção e apoio ao aleitamento materno realizado pelas enfermeiras no atendimento a gestantes e/ou mães adolescentes revelou-se focalizado na dimensão biológica. O olhar para as mamas da mulher que amamenta, a preocupação com a orientação da condução correta da mamada, o manejo baseado no protocolo da Secretaria Municipal da Saúde,	As práticas educativas em aleitamento materno podem ser desenvolvidas em um contexto, o de vida das adolescentes, em que vários profissionais estejam inseridos, e da articulação interdisciplinar que se proporciona melhor qualidade da atenção em saúde. Os profissionais de saúde precisam ser mais capacitados para trabalhar com a promoção do aleitamento materno junto a adolescentes, seja por meio de instituições de ensino e formação, seja por meio de gestores da saúde.

Fonte: Elaboração própria, 2021.

## **5. DISCUSSÃO**

De acordo com Alves et al. 2018 o aleitamento materno pode ser considerado como uma das principais etapas do desenvolvimento do ser humano, através dele, conseguimos evitar mortes infantis, diminuir o risco futuro de hipertensão, colesterol alto e diabetes, melhorar o desenvolvimento da cavidade bucal, efeitos positivos na inteligência, além de proporcionar o vínculo mais esperado entre mãe e filho. Contribuindo com este fato, Souza et al. (2016) destaca que o leite materno consiste em uma fonte rica em benefícios para a saúde infantil, é através dele que são ofertados os primeiros agentes defensores do sistema imunológico e a prevenção de doenças oportunistas. Já está estipulado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que o aleitamento materno exclusivo (AME) seja ofertado até o sexto mês de vida do bebê, sendo apenas ela necessária para saciar e fornecer nutrientes durante este tempo.

Associado a esta prática, é preciso destacar que de acordo com dados da Organização das Nações Unidas (ONU), expostas no estudo de Faria et al. (2021), no que diz respeito a gravidez na adolescência, o Brasil posiciona-se em sétimo lugar na América do Sul com a maior taxa de gestantes nesta faixa etária. Concomitante a isto, o mesmo estudo destaca os possíveis riscos que podem ser aumentados com uma gravidez precoce, dentre eles: prematuridade e baixo peso do recém-nascido, e quando observado o lado socioeconômico pode-se relatar as dificuldades das mães adolescentes conseguirem um emprego, sobretudo devido à baixa escolaridade, uma vez que muitas delas não conseguem finalizar os estudos devido a maternidade, e também tem-se o risco de formarem famílias mais numerosas devido ao início precoce da atividade sexual.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8069/1990, em seu art. 8º fica:

“Assegurado a todas as mulheres o acesso aos programas e às políticas de saúde da mulher e de planejamento reprodutivo e, às gestantes, nutrição adequada, atenção humanizada à gravidez, ao parto e ao puerpério e atendimento pré-natal, perinatal e pós-natal integral no âmbito do Sistema Único de Saúde”.

No estudo de Lima et al. (2021) e Cremonese et al. (2016) percebe-se que mães adolescentes possuem, de certa forma, algum conhecimento prévio sobre a

importância nutricional do aleitamento materno para o recém-nascido, além de refletirem também sobre a aproximação de mãe e filho, entretanto observa-se também que, no ponto assistencial que é transpassado através das consultas de pré-natal, houve uma lacuna ocasionada pelos profissionais de saúde responsáveis pelo atendimento às mães adolescentes, visto que elas afirmaram terem recebido pouca ou nenhuma orientação sobre a amamentação. Refletindo junto a este estudo, temos apontado por Sehnem et al. (2016) que algumas mães adolescentes podem vivenciar a maternidade e processo de aleitamento como uma experiência única e positiva, porém encontram neste caminho inúmeras dificuldades, sobretudo relacionadas a dor e pega mamária.

Leal et al. (2016) destaca que durante a fase da amamentação, os profissionais da enfermagem são de fundamental importância na passagem de informações e ensinamentos coerentes quanto a prática de amamentar, por isso, aqueles que se dedicam para atenção voltada no pré-natal e puerpério precisam se capacitar para propor suporte adequado às mães, sobretudo para aquelas que passam por esta fase durante a adolescência, evitando assim que barreiras na assistências sejam formadas, como foi bem destacado no estudo de Lima et al. (2021), citado no parágrafo anterior.

Souza et al. (2016) e Takemoto et al. (2011) trazem a cultura social como uma barreira e dificuldade enfrentada pelos profissionais da saúde na perspectiva da amamentação realizadas por mães adolescentes. Para estes autores, familiares e conhecidos, como avós e vizinhos, passam experiências da criação de seus filhos garantindo que nenhum efeito contraditório teria atrapalhado o desenvolvimento infantil, mesmo conscientes que este tipo de atitude não são indicadas, e isto se traz devido a: falta de informações sobre aleitamento materno durante o pré-natal; ausência de incentivo e apoio familiar para o aleitamento materno exclusivo; descrença nas propriedades do leite materno. Sabe-se que a criança pode apresentar sérios problemas durante seu crescimento quando a alimentação complementar não está sendo introduzida no momento adequado, por isso os profissionais da saúde precisam formar uma rede de apoio para incentivar a AME nos primeiros seis meses de vida da criança.

Leal et al. (2016) ainda reforça que compete também aos profissionais da saúde os ensinamentos acerca da posição e pega correta durante a amamentação, que podem ser dúvidas frequentes para mães de primeira viagem, essas que são medidas simples e práticas e todas as mães conseguem aprender, e como benefícios ter a estimulação da produção de leite, diminuição dos riscos de engasgos no bebê, diminuição da dor e também de traumas mamários.

Além disso, o Ministério da Saúde (MS) atenta para outras medidas que podem ser ensinadas pelo profissional com a intenção de reduzir traumas mamilares, como: exposição diária por alguns minutos das mamas ao ar livre e ao sol da manhã, desencorajar o uso de produtos que possam retirar a proteção natural do mamilo (ex.: hidratantes), utilização do próprio leite materno como meio de cuidar de fissuras ou hidratar o mamilo, evitar o uso de protetores intermediários nos seios, e encorajar a amamentação em livre demanda (BRASIL, 2015).

O enfermeiro por ter um elo de aproximação maior com a mãe e é de suma relevância nas orientações e ensinamentos em relação ao AM, transmitindo confiança para que elas realizem a amamentação de forma adequada e saibam como proceder com os devidos cuidados com as mamas. Dessa forma, poderão evitar o desmame precoce e possíveis complicações no decorrer do AM, tornando-se imprescindível as orientações do enfermeiro neste processo (COSTA et al., 2018). Sabe-se que todas essas questões podem ser trabalhadas com as gestantes desde o decorrer do ciclo gravídico, diminuindo os riscos de não adesão ao AME, do desmame precoce e das complicações mamárias decorrentes da amamentação.

Entretanto, o enfermeiro pode se deparar com algumas dificuldades ao trabalhar a amamentação com mães adolescentes, alguns autores como Martins et al. (2018) e Oliveira et al. (2015) citam a baixa produção de leite, negação da maternidade, complicações mamárias (lesões mamilares, mamilos invertidos e planos, mastites e ingurgitamento), resistência materna e familiar. Além disso, embora pouco discutido, as variáveis: renda e escolaridade, também podem apresentar-se como influenciadoras na prática da amamentação (Rocha et al., 2018).

O MS recomenda que ainda durante o pré-natal possam ser criados grupos de apoio à gestante, incluído a participação familiar. Para Takemoto et al. (2011) esse seria um momento oportuno para que o profissional passasse todas as orientações

possíveis sobre a amamentação, enfatizando as suas vantagens e consequências do desmame precoce, além de fornecer vínculo e apoio para as mães que estão passando pela adolescência. Alves et al. (2018) recomenda que a atenção primária em saúde preste orientações para as gestantes em geral, sejam elas adolescentes ou não, quanto aos benefícios e o manejo do aleitamento materno, mas para isto, os profissionais da saúde, sobretudo enfermeiros, precisam possuir habilidades de aconselhamento às mães e capacitações na área de amamentação para que suas propostas de educação em saúde sejam efetivas e as mães possam se sentir seguras e superar possíveis dificuldades que surjam no processo da amamentação.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os objetivos propostos desta pesquisa foram alcançados, uma vez que evidenciou-se que o profissional de enfermagem desperta um importante papel como incentivador e educador da amamentação para mães adolescentes, além de ser nítido que, apesar de jovens em idade, muitas adolescentes possuem um conhecimento, mesmo que restrito, sobre a importância do aleitamento materno, contudo muitas dificuldades também podem ser evidenciadas no dia a dia delas, bem como na rotina do profissional enfermeiro, que culminam em barreiras assistenciais refletidas sobre um possível desmame precoce.

Dessa forma, o enfermeiro é a peça-chave para o incentivo ao AME, por este poder criar um vínculo de aproximação com as gestantes durante as consultas de pré-natal, parto e puerpério. Por isso, ele precisa estar em constante conhecimento científico sobre a importância da amamentação e no que diz respeito aos benefícios e malefícios explorando novas informações de maneira mais estruturada e elaborada para disseminar para as mães.

Espera-se com este estudo fomentar os profissionais de Enfermagem sensibilizando-os quanto a importância dos mesmos no manejo da amamentação para mães adolescentes, favorecendo reflexão a respeito de suas condutas e intervenções neste processo, visando superação das dificuldades que mãe e bebê apresentam e sucesso na prática do AME nos seis primeiros meses de vida do bebê.

Por fim, vale ressaltar que o presente trabalho revelou um conhecimento mais amplo sobre o tema escolhido, exibindo os desafios e obstáculos que temos como profissionais enfermeiros no que diz respeito em desvendar e aprimorar nossos conhecimentos no dia a dia, para proporcionar uma qualidade de vida digna para toda a população.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, João Luiz Dornelles; DUQUIA, Rodrigo Pereira. Um dos delineamentos mais empregados em epidemiologia: estudo transversal. **Scientia Medica**, v. 17, n. 4, p. 229-232, 2007.

BIZERRA, Renata de Lima et al. Auto-eficácia em amamentar entre mães adolescentes. **Rev. eletrônica enfermagem**, v. 17, n. 3, p. 1–8, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. II Pesquisa de Prevalência de Aleitamento Materno nas Capitais Brasileiras e Distrito Federal. 2009. Disponível em <<https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/ii-pesquisa-de-prevalencia-de-aleitamento-materno-nas-capitais-brasileiras-e-distrito-federal/>>. Acesso em: 04 de maio. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Atenção Básica. SAÚDE DA CRIANÇA. Nutrição Infantil. Aleitamento Materno e Alimentação Complementar. 2009. Disponível em <[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_crianca\\_nutricao\\_aleitamento\\_alimentacao.pdf/](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_nutricao_aleitamento_alimentacao.pdf/)>. Acesso em: 24 de maio. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Atenção Básica. Saúde da Criança. Aleitamento Materno e Alimentação Complementar. 2015. Disponível em <[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_crianca\\_aleitamento\\_materno\\_ab23.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_ab23.pdf)>. Acesso em: 04 de maio. 2021.

CERQUEIRA, Ludmilla Oliveira Lima; BARROS, Carolina Valério. As significações de maternidade para adolescentes mães de prematuro **Rev. SBPH**, v. 23, n. 2, p. 88–101, 2020

DA SILVA, Patrícia Soares; DE MORAES, Maria Sílvia. Caracterização de parturientes adolescentes e de seus conhecimentos sobre amamentação. 2011.

DE ARRUDA, Guilherme Tavares et al. Perfil das nutrizes adolescentes e características relacionadas ao aleitamento materno em uma cidade do sul do Brasil. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 22, n. 1, 2018.

DE AZEVEDO MAZZA, Verônica et al. Representações sociais da nutrizes adolescentes sobre a amamentação. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 7, n. 2, p. 2405-2414, 2015.

DE GUSMÃO, Andréa Moraes et al. Prevalência de aleitamento materno exclusivo e fatores associados: estudo transversal com mãe adolescentes de 14 e 16 anos em Porto Alegre, RS, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 11, p. 3357–3368, 2013.

DOS SANTOS, Lucas Cardoso; FERRARI, Anna Paula; TONETE, Vera Lúcia Pamplona. Contribuições da enfermagem para o sucesso do aleitamento materno na adolescência: revisão integrativa da literatura. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 8, n. 4, p. 691-698, 2009.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência e saúde**, v. 2, n. 2, p. 6-7, 2005.

ENANI. Pesquisa Mapeia o Aleitamento Materno no Brasil. 2020. Disponível em <<https://enani.nutricao.ufRJ.br/index.php/2020/08/07/relatorio-preliminar/>>. Acesso em: 04 de maio. 2021.

FIOCRUZ. Durante a Gestação. 2005. Disponível em <<https://rblh.fiocruz.br/durante-gestacao>>. Acesso em: 04 de abr. 2021.

FIOCRUZ. Questões de Amamentação. 2005. Disponível em <<https://rblh.fiocruz.br/questoes-de-amamentacao>>. Acesso em: 04 de abr. 2021.

- MARANHÃO, Thatiana Araújo et al. Fatores associados ao aleitamento materno exclusivo entre mães adolescentes. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 23, n. 2, p. 132–139, 2015.
- MARTINS, Daniela Pereira et al. Conhecimento de nutrizes sobre aleitamento materno: contribuições da enfermagem. *Journal of Nursing UFPE on line*, v. 12, n. 7, p. 1870-1878, July 2018. Disponível em: Acesso em: 15 set. 2021.
- MARTINS, Maria Zilda. Benefícios da amamentação para saúde materna. **Interfaces Científicas-Saúde e Ambiente**, v. 1, n. 3, p. 87-97, 2013.
- Ministério da Saúde. Aleitamento Materno. 2020. Disponível em <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/08/ministerio-da-saude-lanca-campanha-de-incentivo-a-amamentacao>>. Acesso em: 04 de abr. 2021.
- MUNARETTO, Lorimar Francisco; CORRÊA, Hamilton Luiz; DA CUNHA, Júlio Araújo Carneiro. Um estudo sobre as características do método Delphi e de grupo focal, como técnicas na obtenção de dados em pesquisas exploratórias. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v. 6, n. 1, p. 9-24, 2013.
- OLÍMPIO, Dayane Michelle; KOCHINSKI, Elisangela; DO AMARAL RAVAZZANI, Edilceia Domingues. Fatores que influenciam no aleitamento materno e desmame precoce em mães adolescentes e adultas-Fatores que influenciam no desmame precoce. **Cadernos da escola de Saúde**, v. 1, n. 3, 2010.
- OLIVEIRA, Carolina Sampaio de et al . Amamentação e as intercorrências que contribuem para o desmame precoce. *Rev. Gaúcha Enferm.*, Porto Alegre , v. 36, n. spe, p. 16-23, 2015 . Disponível em: . Acesso em: 15 Set. 2021.
- ROCCI, Eliana; FERNANDES, Rosa Aurea Quintella. Dificuldades no aleitamento materno e influência no desmame precoce. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 67, n. 1, p. 22-27, 2014.
- ROCHA, Flávia Nataly Pereira da Silva et al. Caracterização do conhecimento das puérperas acerca do aleitamento materno. *Journal of Nursing UFPE on line*, [S.l.], v. 12, n. 9, p. 2386-2392, sep. 2018. Disponível em: . Acesso em: 15 set. 2021.
- SILVA, Amauri Pinto da; SOUZA, Nelson de. Prevalência do aleitamento materno. **Revista de Nutrição**, v. 18, n. 3, p. 301–310, 2005.

SILVA, Carla Regina; LOPES, Roseli Esquerdo. Adolescência e juventude: entre conceitos e políticas públicas. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 17, n. 2, p. 87–106, 2009.

Sociedade Brasileira de Pediatria. A Amamentação Pode Reduzir os Riscos de Doenças Crônicas. 2021. Disponível em <https://www.sbp.com.br/especiais/pediatria-para-familias/nutricao/voce-sabia-que-a-amamentacao-pode-reduzir-o-risco-de-doencas-cronicas/>. Acesso em: 28 de abr. 2021.

Sociedade Brasileira de Pediatria. A Importância do Aleitamento Materno. 2021. Disponível em <https://www.sbp.com.br/especiais/pediatria-para-familias/nutricao/a-importancia-do-aleitamento-materno/>. Acesso em: 28 de abr. 2021.

Sociedade Brasileira de Pediatria. Amamentação. 2018. Disponível em <https://www.sbp.com.br/especiais/sbp-amamentacao-2018/atualizacoes-cientificas-integra/> >. Acesso em: 29 de abr. 2021.

Sociedade Brasileira de Pediatria. Benefícios da Amamentação Para a Mulher. 2021. Disponível em <https://www.sbp.com.br/especiais/pediatria-para-familias/nutricao/beneficios-da-amamentacao-para-a-mulher/>>. Acesso em: 28 de abr. 2021.

Sociedade Brasileira de Pediatria. Gravidez na Adolescência. 2020. Disponível em <https://www.sbp.com.br/especiais/pediatria-para-familias/adolescencia/por-que-falar-de-gravidez-na-adolescencia-parte-1/>>. Acesso em: 28 de junho. 2021.

SPINDOLA, Thelma et al. Amamentação na Adolescência: histórias de vida de mães primíparas. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v. 6, n. 1, p. 414–424, 2014.

TAKEMOTO, Angélica Yukari et al. Preparo e apoio à mãe adolescente para a prática de amamentação. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 10, n. 3, p. 444-451, 2011.

TOMA, Tereza Setsuko; REA, Marina Ferreira. Benefícios da amamentação para a saúde da mulher e da criança: um ensaio sobre as evidências. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, p. s235-s246, 2008.

UNASUS. Índice de Aleitamento Materno no Brasil. 2020. Disponível em <<https://www.unasus.gov.br/noticia/pesquisa-inedita-revela-que-indices-de-amamentacao-cresceram-no-brasil#:~:text=Foram%20avaliadas%2014.505%20crian%C3%A7as%20menores,quatro%20meses%2C%20de%2060%25.>>>. Acesso em: 29 de abr. 2021.